

NÓS DA ESCOLA

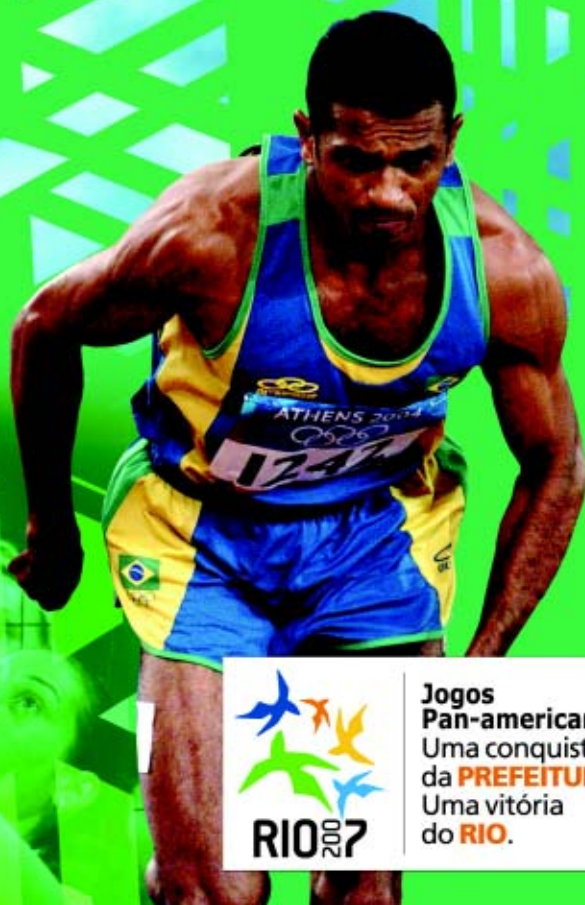
RIO

PREFEITURA

EDUCAÇÃO MULTIRIO



Muito além da prática esportiva



ISSN 1676-5141



9 771676 574225 00022



Jogos Pan-americanos
Uma conquista da **PREFEITURA**.
Uma vitória do **RIO**.





NÓS DA ESCOLA

ano 2 nº 22 2004

editorial

Esportes e mídia: o que a escola tem a ver com isso? **4**

cartas

Turma de progressão e lançamento de livro **5**

ponto e contraponto

Faces da mesma moeda **6**

atualidade

É hora de comer bem **8**

Longe do pódio **10**

pé na estrada

Inspiração que vem do Século XXI **14**

zoom

Ídolos de hoje e sempre **16**

capa

Esporte na educação: ponto de interseção **18**

artigo

A paixão feminina pela bola **24**

caleidoscópio

Aventuras Cariocas **26**

olho mágico

Interação e inclusão social **28**

Diversidade na 4ª CRE **29**

especial

Mídia de todos, mídia para todos **30**

rede fala

Educação física e mídia **31**

agenda

Cursos, oficinas e exposições **33**

tudoteca

Dicas de livros, vídeos e filmes **34**



Empresa Municipal de Múltiplos Ltda.

Largo dos Leões, 15 - 9º andar - Humaitá - Rio de Janeiro - RJ
CEP 22260-210 - www.multirio.rj.gov.br - ouvidoriamultirio@perj.rj.gov.br
Central de atendimento: (21) 2528-8282 - Fax: (21) 2537-1212

Maria Inês Delorme Diretora de publicações e jornalista responsável (MTb. 22.628)

• Éliada Vaz Assessora de comunicação e ouvidora • Antonio Castro Assessor artístico
• Guaira Miranda Gerente de multimídia

Equipe de produção: Cristina Campos e Joanna Miranda Conteúdo • Leonardo Simmer Amorim e Marcelo Rocha Reportagem • Luiz Fernando Carvalho Estagiário • Martha Neiva Moreira Edição • Alberto Jacob Filho Fotografia • Marcus Martins Ilustração
• Guaira Miranda e Luciana Gobbo Projeto gráfico e diagramação • Antônio Castro Arte da capa • Nancy A. Soares Revisão • Elias Moraes Produção gráfica

Esdeva Indústria Gráfica S/A Impressão CTP • Tiragem 40 mil exemplares

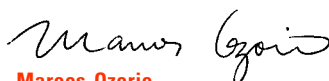
Esportes e mídia: o que a escola tem a ver com isso?

Existem basicamente duas formas de relacionamento entre os seres humanos e o esporte: podemos praticar uma modalidade e/ou podemos observar, na condição de espectador ou de investigador. A primeira consiste em uma forma imediata de relacionamento. A segunda se apresenta de forma mediada.

Em tempos olímpicos, os meios de comunicação oferecem um farto cardápio para quem se encontra na condição de torcedor, permitindo uma experimentação expressiva deste tipo de relação mediada. A cada ano bissexto, tornamo-nos mais íntimos de diferentes modalidades; vibramos, sofremos, acordamos mais cedo; verificamos o nascimento de ídolos e nos deparamos com promessas não cumpridas.

A escola também se vale desses momentos. Em boa parte delas, durante essa época, se desenvolvem atividades voltadas para os jogos. Por que isso ocorre? No fundo, educadores reconhecem que os alunos estão atentos ao tema e, portanto, decidem que vale a pena relacioná-lo com o trabalho pedagógico. Reconhecem o **alcance** desta mediação, até porque ela também os atinge. Mas isso não é o mesmo que reconhecer a **qualidade** da mediação. Esta última vai estar diretamente relacionada com a forma como a escola vai lidar, por exemplo, com a overdose de conteúdo esportivo que circulou pela mídia nesta Olimpíada.

Outro dia um professor contava sobre um trabalho feito em uma escola que favoreceu a integração curricular. O que mais lhe chamou a atenção foi uma pesquisa feita por uma das turmas sobre os Jogos de Berlim, em 1936. Os alunos descobriram que o atleta negro Jesse Owens contrariou as expectativas de Hitler ao vencer importantes provas, e concluíram: “organizada para atestar a supremacia ariana, aquela edição provou que não há superioridade entre os seres humanos”. Esportes e mídia: a escola tem muito a ver com isso.



Marcos Ozorio
Diretor do Núcleo de Mídia e Educação da MULTIRIO



Fotografia

Caros amigos,

É com grande alegria que escrevo para a Nós da Escola. Conheci a revista através da minha mulher, que é professora da rede. (...) Sou formado em Letras, mas não estou lecionando. Tenho duas paixões: a poesia e a fotografia. E é por causa da fotografia que estou enviando para o Núcleo de Publicações meu manual de fotografia. Penso que seria de grande utilidade para os alunos da rede municipal e autorizo sua publicação.

Antônio Fernando

N. da R. - Agradecemos o reconhecimento pelo nosso trabalho e, também, os elogios feitos à Revista Nós da Escola. Recebemos com muito apreço o seu Manual de Fotografias. No entanto, a MULTIRIO não trabalha como uma editora já que não tem condições de publicar materiais como os seus. Os materiais impressos que publicamos são produzidos aqui ou por outros professores da rede pública municipal, editados por nós e produzidos após processo licitatório, nas formas da lei.

Maria Inês de Carvalho Delorme

Diretora do Núcleo de Publicações da MULTIRIO

Ler ou ver? Eis a questão!

A aquisição da leitura e escrita da turma de progressão da escola onde coordeno os professores tem sido a nossa meta primeira. Vários caminhos têm sido percorridos e um deles é o caminho da leitura de imagens. Questionamos os significados das palavras e seu relacionamento com as imagens do texto, aguçamos o olhar para a estética, entramos pela arte e assim vamos em busca de novos saberes. Proporcionar aos educandos possibilidades que até então lhes eram tolas tem sido nosso fazer pedagógico. **Nós da Escola** nº 20 veio elucidar algumas questões que nos afligiam. “A força da imagem no livro infantil”; “A linha é o contexto”; “De onde vem suas imagens?”, o artigo de capa e até a referência bibliográfica nos auxiliou. Parabéns! Queremos deixar boas marcas. Marcas indelévels por onde passarmos, pois acreditamos na educação, principalmente na pública.

Débora Beloni

Coordenadora pedagógica da

E. M. Otelo de Souza Reis (via e-mail)

N. da R. - A equipe do Núcleo de Publicações agradece o elogio.

Quero ser seu amiguinho

João Douglas Nascimento Costa acaba de lançar o livro “Minha amiguinha especial”, com oito páginas de rimas e ilustrações em preto-e-branco para as crianças colorirem. O jovem autor que participou do projeto de inclusão social da Prefeitura “Agora só falta você”, como estagiário da SME, contou com a ajuda de profissionais e da própria secretaria. A arte-final do livro, voltado para crianças de 3 a 5 anos, foi feita por uma professora. Informações: queroserseuamiguinho@bol.com.br



Escreva para MULTIRIO:

Largo dos Leões, 15 - 9º andar - Humaitá - Cep 22260 210 - Rio de Janeiro
ou mande um e-mail para dpub_multirio@pcrj.rj.gov.br

Visite nosso site www.multirio.rj.gov.br

Faces da mesma moeda

Competição e cooperação. Duas faces da mesma moeda na opinião de João Batista Freire, professor da Faculdade de Educação Física da Universidade do Estado de Santa Catarina e ex-técnico da Seleção Brasileira Infantil de Atletismo. Com larga experiência na área de Educação Física e autor de diversos livros sobre o tema, ele acredita que a idéia de competir ainda é muito forte entre os professores. E não deve ser jogada fora. Ao contrário, deve servir como estímulo às diferentes práticas e não apenas como forma de descobrir talentos esportivos. “Boa parte dos planos de aula no Ensino Fundamental e no Médio tem como conteúdo exclusivamente o esporte. Porém, entre os professores mais críticos, **competição já é vista como a outra face da cooperação**”, observa, nesta entrevista, o educador.

Competição e cooperação são valores e atitudes “ensinados e aprendidos” na convivência em grupo. Sob esta ótica, qual o papel (ou contribuição) do profissional da educação física na formação de crianças e jovens?

O professor de educação física é uma figura forte na escola. Ele está com os alunos em momentos em que eles se mostram mais inerteiros. Não estão presos a carteiras e mesas. Podem se expressar melhor. Geralmente o professor de educação física os conhece melhor que os professores de sala de aula. A oportunidade de aprender valores e atitudes, conforme as recomendações dos Parâmetros Curriculares Nacionais, é privilegiada. Porém, é preciso que os professores dessa disciplina sejam competentes. E nem sempre a formação oferecida nas faculdades é suficiente para dar-lhes esse entendimento. Nos espaços comunitários, porém, é comum que os grupos com propostas educativas se preocupem bastante com a dimensão ética. Não é fácil para professores, saídos de faculdades com má-formação, abordarem essa dimensão. Aprender a cuidar de si mesmo, dos outros, do mundo, isto é, ser ético, infe-

lizmente não é algo que se aprende com frequência no espaço escolar, quer seja no de educação física ou em outro qualquer. O Ensino Médio, por exemplo, vai na contramão da ética; prepara exclusivamente para os vestibulares (com raras exceções). E sabemos que os vestibulares são excludentes, praticam a competição para a exclusão. Os vestibulares ensinam não a cuidar do outro mas a destruir o outro, pois o número de vagas é menor do que a procura.

Como a idéia “o importante é competir” é trabalhada no curso de formação de professor de Educação Física?

Há no Brasil, mais de 400 cursos de formação de professores de educação física. Apesar de haver núcleos comuns nos currículos, as linhas de abordagem do esporte são as mais diversas. Em boa parte desses cursos, essa idéia nem é discutida. Porém, já existem diversos cursos com formação crítica, onde o ideal olímpico é discutido seriamente. Nesses centros mais críticos, o esporte é visto como pedagogia de formação de cidadãos e não necessariamente como esporte de rendimento.

“Quando a competição serve apenas como estímulo à atividade, como forma de animar as práticas, pode ser benéfica”

Vivemos em uma sociedade que valoriza a competição. Como lidar com a idéia de competir no espaço destinado à educação física?

A idéia de competir é muito forte no espaço da educação física. Muitos acreditam que é no espaço da aula que devem ser descobertos os talentos esportivos. Boa parte dos planos de aula no Ensino Fundamental e no Médio tem como conteúdo exclusivamente o esporte. Porém, entre os professores mais críticos, competição é vista como a outra face da cooperação. Nesses casos, a idéia de cooperação predomina. A competição tanto pode melhorar como piorar a auto-estima, dependendo de como seja trabalhada. Quando se faz a competição somente para destacar os vencedores, os demais são excluídos. Quando a competição serve apenas como estímulo à atividade, como forma de animar as práticas, pode ser benéfica.

A cultura corporal estereotipada, que visa a atender modelos impostos pela mídia, está associada à musculação, à prática esportiva. Como cada educador deve posicionar-se diante de um(a) aluno(a) que acha que a atividade física só serve para ‘malhar’ seu corpo?

Essa prática da malhação desenfreada é muito danosa. É a globalização na sua versão educação física. A idéia é a de retirar lucro diretamente do corpo. Não basta o lucro produzido por roupas e calçados. O outro lado da malhação é a prática de atividades corporais que objetivam a consciência do próprio corpo, a consciência ética, os exercícios de integração do corpo com a natureza, com as outras pessoas, etc.

Que relações podemos estabelecer entre as idéias de competição, condicionamento, recreação e lazer na prática esportiva?

Não se vai tão longe assim na prática esportiva. O esporte de rendimento, por exemplo, geralmente exclui recreação e lazer. É comum atletas de alto nível serem proibidos, em períodos competitivos, de ter atividades de lazer. Muitos ficam confinados em concentrações. Acabam por se alienar do mundo fora das quadras.

A vivência da competição nas práticas de esportes em que o atleta compete sozinho é diferente daquelas em que o esportista compete em equipe?

Sim. Os esportes individuais possuem características diferentes. De modo que, na formação dos jovens, seria bom que praticassem mais que um esporte, que nunca fizessem apenas esportes individuais. Porém, na formação de esportes individuais, é possível realizar, durante os treinamentos, muitas práticas coletivas. Além disso, é possível manter espírito de equipe entre os integrantes de um grupo de esportes individuais. Não deixa de ter enorme valor a prática individual. A solidão de uma corrida de maratona tem muito o que ensinar. O melhor exemplo ético da última Olimpíada, em Atenas, foi dado por um atleta de esporte individual, o nosso Vanderlei Cordeiro de Lima. Agredido por um fanático, durante o percurso, em nenhum momento manifestou qualquer gesto de rancor contra seu agressor. ■

Saiba mais

BATISTA FREIRE, João.
Educação de corpo inteiro.
São Paulo: Editora
Scipione, 1969.
_____. *De corpo e alma*.
São Paulo: Editora
Summus, 1991.
_____. *Pedagogia do futebol*.
Rio de Janeiro: Editora Ney
Pereira, 1998.
BATISTA FREIRE, João
e SCAGLIA, Alcides.
*Educação como prática
corporal*. Rio de Janeiro:
Editora Scipione, 2001.

É hora de comer bem

Guia do Ministério da Saúde dá **dicas sobre boa alimentação**. Coleção “Com gosto de saúde” tratará de obesidade e nutrição

Dados da Organização Mundial de Saúde (OMS) dão conta que 300 milhões de pessoas no mundo são obesas e 750 milhões têm sobrepeso. Mesmo na África, onde a fome atinge proporções impressionantes, há locais onde crianças sofrem mais com obesidade do que com subnutrição. Nos Estados Unidos, cerca de 25% dos jovens com menos de 19 anos estão acima do peso. No Brasil, os números também preocupam.

Entre os brasileiros adultos, 39% estão acima do peso. Na faixa etária entre 10 e 18 anos, 13% estão na mesma situação. Entre as crianças de 6 a 9 anos, 17% sofrem do mesmo problema. Na região Sudeste, 7% dos homens e 13% das mulheres são obesos. Segundo a OMS há, no país, cerca de cinco milhões de pessoas com menos de 19 anos lutando contra a balança. “Nos últimos 20 anos, os índices relacionados ao excesso de peso em crianças e adolescentes no Brasil triplicaram”, informa Inês Rugani, nutricionista e diretora do Instituto de Nutrição Annes Dias, responsável pela estratégia nutricional das escolas do município do Rio.

Preocupados com o aumento da epidemia de obesidade no mundo e, principalmente, com as doenças associadas a ela, a OMS publicou recentemente a Estratégia Global para Alimentação Saudável, Atividade Física e Saúde, diretrizes para implantação de políticas públicas na área de alimentação e saúde. Vários países já estão trabalhando inspirados pelo documento.

No Brasil, o Ministério da Saúde criou o Guia Alimentar da População Brasileira, que recomenda uma alimentação que concilie prazer e boa nutrição. O Guia, ainda em fase de produção, estabelece 10 itens para se levar uma vida mais saudável, entre eles diminuir o consumo de sal e aumentar a ingestão de frutas e legumes. Esta edição traz um cartaz com as 10 dicas do MS e mais outras duas sugeridas pela equipe do Instituto Annes Dias,

A Prefeitura do Rio vem promovendo ações neste sentido há algum tempo. Em maio de 2002, o prefeito Cesar Maia assinou um decreto proibindo a venda de refrigerantes, doces, balas, frituras, alimentos com excesso de sal e gordura e refrescos em pó industrializados nas cantinas das escolas municipais. Até porque, segundo a nutricionista, os indicadores de obesidade e sobrepeso entre os alunos da Rede não são nada animadores. Dos cerca de 750 mil estudantes que freqüentam as escolas, de Educação Infantil a 8ª série, 15% (112.500) têm excesso de peso e 5% (37.500) são obesos.

Números preocupantes, sem dúvida, e que encontram explicação no binômio ‘alimentos industrializados/sedentarismo’. Sanduíches,

Prevalência de excesso de peso e obesidade segundo faixa etária. Alunos do ensino público fundamental. MRJ, 1999/2003

FAIXA ETÁRIA	EXCESSO DE PESO		OBESIDADE	
	1999	2003*	1999	2003
menores de 7 anos	14,1%	12,9%	6,0%	4,4%
7 anos a 9 anos e 11 meses	16,5%	19,2%	5,1%	6,1%
de 10 anos a 13 anos e 11 meses	16,5%	15,4%	4,6%	4,4%
maiores de 14 anos	15,7%	9,5%	4,3%	3,1%

*p = 0,0001

batatas fritas, biscoitos açucarados e cheios de gorduras são os alimentos preferidos por crianças e jovens. Tudo regado a muito refrigerante e consumido, freqüentemente, em frente a TV, atividade de lazer de cerca de 55% dos adolescentes brasileiros de acordo com pesquisa da Fundação Perseu Abramo (1999).

Além de controlar a venda de alimentos nas escolas, a prefeitura lançou uma coleção, **Com gosto de saúde**, que trata de forma interessante e criativa de temas ligados à nutrição. A publicação, que vem acompanhada de um vídeo, é resultado de uma parceria entre o Instituto Annes Dias, outros órgãos da Secretaria Municipal de Saúde e a Secretaria de Educação. São oito temas no total e nas escolas já chegaram três: **Aleitamento materno**, **Alimentação e cultura** e **Alimentação saudável**. Em 2005, mais um livro da série será distribuído. Desta vez o tema será **Obesidade e nutrição**. Junto com este exemplar, as escolas receberão uma reedição dos outros três.

Para Inês, o desafio agora é trabalhar em estratégias para aumentar o consumo diário de legumes, verduras e frutas e investir na idéia de criar um “ambiente saudável para uma vida saudável”. “Normalmente, as políticas públicas na área de educação e saúde investem nas pessoas. É fundamental investir no entorno delas para criar um ambiente saudável”.

Enquanto nas escolas municipais o sinal está vermelho para os comilões, nas particulares a venda de produtos com baixo valor nutritivo está liberado. Após oito meses de briga na justiça, uma série de liminares obrigou o juiz da 1ª Vara da Infância e Juventude, Siro Darlan a revogar a portaria que, em fevereiro deste ano, proibiu a venda de 35 alimentos e bebidas, entre doces, frituras e refrigerantes, nos colégios privados. O esforço, no entanto, não foi em vão. Muitas escolas particulares mantiveram a proibição. E, segundo Inês Rugani, um projeto de lei com o mesmo teor da portaria revogada deve ser submetido à Assembléia Legislativa nos próximos meses. ■



Fast-food é tema de filme

Ganhador do Festival de Sundance/2004 na categoria de Melhor Diretor, o polêmico filme “Super Size Me” estréia no Brasil e traz à tona o debate em torno dos malefícios do *fast-food*. E o questionamento: qual é a responsabilidade dos publicitários na sedução e no condicionamento de crianças e jovens?

Dirigido e estrelado por Morgan Spurlock, o longa-metragem mostra o dia-a-dia do diretor que passa 30 dias se alimentando, do café da manhã ao jantar, das guloseimas vendidas no McDonald’s dos Estados Unidos. O objetivo de Morgan era descobrir o impacto dos produtos na saúde dos americanos.

Amparado por três médicos e uma namorada vegetariana, ele constatou ‘na pele’ que os alimentos trazem sérios prejuízos à saúde. Morgan consumiu, em média, cinco mil calorias por dia e engordou ao final de um mês 11 quilos. Além das gordurinhas extras (que elevaram o seu nível de gordura corporal de 11 para 18%), o diretor teve problemas no fígado, depressão e disfunção sexual. Seu colesterol subiu de 168 para 230. Na terceira semana, os médicos o aconselharam a abandonar o projeto.

Viajando pelo país, Morgan conversou com especialistas e freqüentadores assíduos da rede de lojas. Abordou as campanhas voltadas para o público infantil que contribuem para o crescimento da obesidade e também questionou a alimentação *fast-food* oferecida pelas escolas. E constatou que aproximadamente 46 milhões de pessoas, por dia, comem no Mc Donald’s dos Estados Unidos – população equivalente a que vive na Espanha. (fonte: site Rio Mídia/www.multirio.rj.gov.br/riomidia/)

Saiba mais

“Consumindo frutas, legumes e verduras”
www.multirio.rj.gov.br

Longe do pódio

Conheça a história, as regras e curiosidades sobre algumas modalidades esportivas que estarão em disputa nos Jogos Pan-americanos de 2007

O futebol é disputado por dois times que correm atrás da bola durante dois tempos de 45 minutos cada. Um time é formado por 11 jogadores e vence a partida quem fizer o maior número de gols. No basquete, cada cesta vale dois pontos. Mas arremessos de uma linha superior a seis metros, devido ao grau de dificuldade, valem três. Cada time de vôlei é formado por seis jogadores e um líbero. Vence quem ganhar três *sets* primeiro. A bola utilizada no tênis é bem menor que a do futebol, que por sua vez é menor que a bola do basquete.

O leitor conhece as regras acima ou pelo menos já ouviu falar. Isso porque são esportes com tradição no Brasil, estão presentes na mídia e fazem parte da nossa cultura esportiva. Mas existem modalidades que – assim como futebol, vôlei, basquete e tênis – estão incluídas nos Jogos Olímpicos, têm pú-

blico garantido em outras regiões do mundo, porém não são conhecidas por aqui. Mesmo praticado por poucos de nós, brasileiros, alguns desses esportes estarão em disputa nos Jogos Pan-americanos do Rio de Janeiro, em 2007.

Badminton – O *badminton*, semelhante ao popular jogo de peteca, é um deles. Surgido no século XIX, na Índia, com o nome de *poona*, o esporte foi levado para a Europa por oficiais ingleses que serviam na ex-colônia britânica. A partir de 1870, com regras novas, a modalidade passou a chamar-se *badminton*, sob influência do Duque de Beaufort's, dono da propriedade de Badminton, localizada na Inglaterra. Pelo fato de ser um esporte bastante flexível – como recreação não há nada que impeça alguém de jogá-lo com um número ímpar de pessoas e até sem a rede –, a prática do *badminton* pode se dar em qualquer superfície relativamente plana e dura, tanto descoberta como coberta, sem perder os benefícios decorrentes dos exercícios.

Estudos científicos realizados pela Universidade de Baylor, nos Estados Unidos, apontam o *badminton* como uma das melhores atividades para o condicionamento físico. Uma partida requer explosão, muitas corridas e saltos, bons reflexos e ótima coordenação entre mãos e olhos. Jogado com raquetes em uma quadra semelhante à de tênis, embora com uma rede mais alta, o objetivo da modalidade é colocar a peteca – chamada de *birdie* – no chão da quadra do adversário. Uma partida é disputada em três *sets* de 15 pontos cada, no masculino, e de 11 pontos,

DIVULGAÇÃO - COB



no feminino. Vence quem ganhar dois *sets* primeiro. O jogo pode ser disputado por dois jogadores ou em duplas.

Extremamente popular entre os países asiáticos, o *badminton* entrou para o calendário das Olimpíadas nos Jogos de Barcelona, na Espanha, em 1992. De lá pra cá, atletas da China têm dominado o quadro de medalhas – cinco de ouro, três de prata e nove de bronze –, seguidos de perto pelas equipes da Indonésia e da Coreia do Sul. No Brasil, passou a ser praticado de forma organizada somente a partir de 1984, ano em que foi disputada a 1ª Taça São Paulo. Atualmente, o maior destaque do país é o atleta Guilherme Pardo, que ocupa a 72ª posição no *ranking* mundial. Boa colocação, porém insuficiente para levá-lo aos Jogos Olímpicos de Atenas.

Handebol – O *badminton* brasileiro não chegou a Atenas, mas o handebol sim. Nossos atletas não trouxeram medalhas, mas representaram bem nosso país com todo o dinamismo, agilidade e explosão muscular que essa modalidade esportiva exige. Em sua versão Olímpica, o jogo é realizado em dois tempos de 30 minutos. A bola, menor que a de futebol, tem de 58 a 60 centímetros de circunferência para os homens, e de 54 a 56 centímetros para mulheres e crianças. O esporte é praticado com as mãos. Cada time tem seis jogadores de linha, um goleiro e cinco reservas.

Diferente do futebol, as partidas costumam ter placares com muitos gols. Na decisão dos Jogos Pan-Americanos de Santo Domingo, em 2003, por exemplo, o Brasil venceu os argentinos por 31 a 30. O principal destaque da seleção brasileira foi Bruno Souza. Autor do gol decisivo na final do Pan, ele foi funda-



mental na classificação do país para as Olimpíadas de Atenas. Neste mesmo ano, o atleta foi eleito pela Federação Internacional de Handebol o terceiro melhor do mundo. Atualmente, o atacante defende a equipe do Goppingen, da Alemanha.

A modalidade foi inventada, extra-oficialmente, no final do século XIX pelo professor de Educação Física dinamarquês Holger Nielsen, que a introduziu no Instituto de Ensino Médio para complementar os treinamentos de suas ginastas. Mas, apesar de não ter sido o seu criador, o alemão Max Heiser é considerado o verdadeiro “pai” do handebol. No período da 1ª Guerra Mundial (1915-1918) ele organizou um jogo ao ar livre para as operárias da Fábrica Siemens, derivado do *torball*. Somente após o final da guerra a modalidade ganhou força, tornando-se o principal esporte coletivo daquele país.

Em 1933, a Alemanha conseguiu que o jogo fosse incluído nos Jogos de Berlim, realizado

Saiba mais

Confederação Brasileira de Badminton
www.badmintonconfbrasil.com.br

Confederação Brasileira de Handebol
www.brasilhandebol.com.br

Confederação Brasileira de Esportes Aquáticos
www.cbda.org.br

Confederação Brasileira de Beisebol e Softbol
www.cbbs.com.br

Pólo Aquático
www.poloaquatico.com.br



três anos depois. No masculino, a atual campeã olímpica é a Croácia, enquanto no feminino é a Dinamarca. A ex-União Soviética foi o país que mais subiu no pódio dos Jogos – seis medalhas conquistadas no total, sendo quatro de ouro, uma de prata e outra de bronze. Também foi nessa época que o

handebol chegou ao Brasil, trazido por imigrantes alemães. A primeira entidade organizada foi a Federação Paulista, fundada em fevereiro de 1940.

Pólo aquático – O pólo aquático foi outro esporte importado por nós de países europeus. A modalidade surgiu como imitação do rúgbi (jogo semelhante ao futebol americano) em rios e lagos britânicos em meados do século XIX. As bolas, trazidas da Índia, eram de borracha e chamavam-se *pulu*, pronunciada pólo pelos ingleses. Elas deram origem ao nome do esporte. Com o crescimento do número de piscinas na Europa, a Associação de Natação de Londres elaborou, em 1870, as primeiras regras para a disputa em ambiente coberto. No entanto, foram os escoceses que se aperfeiçoaram na tática do jogo e ditaram as diretrizes do esporte.

O esporte chegou ao Brasil no século passado, a partir de Santa Catarina. A Universidade Federal de Santa Catarina bolou um projeto que tornava obrigatória a prática da modalidade a todos os cursos de graduação. O presidente de honra da Federação Internacional de Futebol (Fifa), João Havelange, foi um dos integrantes da seleção brasileira de pólo aquático nas Olimpíadas de Berlim, na Alemanha, em 1936. O campeonato brasileiro mais importante da categoria adulto, a principal do esporte, leva o seu nome e é realizado todo ano no mês de dezembro.

Você sabia....

....que o *badminton* é o esporte com raquete mais rápido do mundo. A peteca pode “voar” a uma velocidade de até 260 km/h.

...que nos Jogos Olímpicos de 1932, em Los Angeles, os atletas brasileiros do pólo aquático voltaram mais cedo para casa. Eles agrediram um árbitro húngaro após a derrota para a Alemanha, por 7 a 3, e foram desclassificados.

...que a seleção masculina da Alemanha, grande força do handebol mundial, jamais ganhou uma medalha de ouro em disputas *indoor* da modalidade.

...que a primeira vez em que um país não-europeu ganhou uma medalha de ouro no handebol foi nos Jogos de Seul, em 1988, quando a Coreia do Sul venceu no feminino. Feito repetido nas Olimpíadas de Barcelona, em 1992. Entre os homens esse tabu permanece.

... que o beisebol é tão famoso nos Estados Unidos que existe no país uma enciclopédia dedicada exclusivamente ao esporte.

O pólo aquático foi o primeiro jogo coletivo olímpico, introduzido nos Jogos de Paris, na França, em 1900. A Hungria, atual campeã olímpica, é a maior potência mundial no esporte. Os húngaros têm no currículo nada menos que 14 medalhas olímpicas – oito de ouro, três de prata e outras três de bronze. A última Olimpíada que os brasileiros participaram foi a de 1984, em Los Angeles (EUA). A vaga só foi conseguida porque países comunistas boicotaram os Jogos. Em Atenas o Brasil ficou de fora mais uma vez.

Para quem nunca viu um jogo de pólo, a partida é jogada por 13 atletas. Somente sete podem estar na água, sendo um deles o goleiro. Ele é o único que pode tocar com as duas mãos ao mesmo tempo na bola. O confronto tem duração de quatro tempos de sete minutos e os atletas não podem colocar os pés no fundo da piscina.

Beisebol – O último dos esportes curiosos para nós, mas que estará no Pan de 2007, é o beisebol. Esta modalidade foi inventada pelo cadete da escola militar Abner Doubleday, em 1839, na cidade de Cooperstown, nos Estados Unidos. Apesar deste ano ser considerado oficialmente o marco de início do esporte, historiadores acreditam que antes disso, desde o início da história escrita, já havia diferentes jogos com bolas e tacos semelhantes ao beisebol atual. Nas Olimpíadas, o beisebol apareceu pela primeira vez nos Jogos de Saint Louis, em 1904, onde só participaram equipes dos Estados Unidos.

Apesar das regras complicadas, o beisebol tem como objetivo o mesmo das demais modalidades: marcar pontos. O time atacante pontua quando completa uma volta em sentido anti-horário, passando por quatro bases que formam um quadrado. As partidas são jogadas por dois times de nove jogadores cada, que se revezam na defesa (arremessando a

bola) e no ataque (rebatendo com um bastão). A cada entrada de jogo, o time que está no ataque tenta marcar pontos e é obrigado a ir para a defesa quando tem três de seus jogadores eliminados. Cada confronto tem duração de nove entradas.

O esporte não é popular no Brasil. No entanto, em países como Cuba, Estados Unidos e Japão o beisebol é uma “febre”. Não é por acaso que estas nações são as maiores potências olímpicas e estão na liderança no quadro de medalhas da modalidade. Os cubanos têm três medalhas de ouro – 1992, 1996 e 2004 – e uma de prata – 2000. Já as estrelas da Liga norte-americana, principais nomes do esporte, não participam dos Jogos Olímpicos.

O beisebol chegou ao Brasil em 1908, trazida por imigrantes japoneses. O Clube Esportivo Mikado foi a primeira organização de beisebol do País. Fundado em 1919, era formado por funcionários e jornalistas do periódico paulistano *Nippak Shimbun*. O beisebol brasileiro nunca se classificou para uma Olimpíada. O melhor resultado do Brasil em campeonatos internacionais foi o primeiro lugar no Pan-americano da categoria Pré-júnior, em 1994, em uma competição realizada no Estado do Paraná. ■



DIVULGAÇÃO - COB

Inspiração que vem do Século XX1

Professores recorrem ao **site da MULTIRIO** para produzir trabalhos com diferentes tipos de mídia

Discutir temas do novo milênio, a partir de questões do cotidiano do educador e do aluno. Esse é o mote do site Século XX1, projeto multimídia da MULTIRIO que propõe e oferece aos professores e estudantes temas e ferramentas para que grandes questões de nossos tempos sejam trabalhadas e elaboradas nos mais diversos tipos de mídia. A coordenadora e professora da sala de leitura da Escola Municipal Vicente Licínio Cardoso, Angela Santos, é uma das que abraçaram a idéia. Candidata à *Mostra Trocando Idéias com o Século XX1* no ano passado (veja boxe), Angela e seus alunos também confirmaram a presença em 2004. “Queremos ensinar aos alunos que nunca trabalharam com um computador a se ambientarem com a máquina”, afirma a professora.

A PROFESSORA ANGELA
E OS ALUNOS DA E. M.
VICENTE LICÍNIO CARDOSO



Angela organiza em parceria com a professora da 4ª série da mesma escola, Ana Maria Salles, uma fotonovela sobre o bairro da Saúde. O trabalho de pesquisa é todo feito pelas 50 crianças das turmas 403 e 402. Elas buscam na internet informações que possam auxiliá-las na hora de escrever seus textos.

As informações servem também de referência para resgatar a história da própria escola. “Vamos poder, por exemplo, eleger uma data representativa para comemorarmos o dia de nossa escola”, comenta Angela. Ela acrescenta que o site Século XX1, especialmente o link “Identidade”, é peça importante para a produção do trabalho. Até porque lá é possível encontrar conteúdo para subsidiar uma reflexão com os alunos sobre o conceito de identidade. Reflexão importante e que enriquece a proposta desenvolvida pelas turmas de resgatar a história do bairro da Saúde, onde fica localizada a escola.

Uma apostila disponível no site da MULTIRIO, que ensina os estudantes a navegar e criar na internet, também é utilizada pelas professoras. O confronto entre as informações obtidas na internet e as obtidas em pesquisas nos livros é utilizado pelos educadores para alertar os alunos sobre a imprecisão das pesquisas na rede. “Com este método, queremos mostrar aos estudantes que nem tudo que está disponível na internet é verdadeiro”, diz Angela. “Webmasters mirins”. Este é o nome que a

coordenadora usou para chamar os 36 alunos responsáveis por cuidar dos computadores da sala de informática e viabilizar os trabalhos das diferentes turmas na página virtual da escola. Eles sabem, por exemplo, criar links e têm noções de **HTML**. “Estou aprendendo muito sendo um **webmaster**. Isto pode me ajudar no futuro, quando ingressar no mercado de trabalho”, afirma Vinícios Daflon, de 17 anos.

Na Escola Professora Zuleika de Nunes de Alencar, na Barra da Tijuca, a parceria mídia-educação também é motivo de orgulho para aqueles que apostaram na idéia. Terezinha Faissal, professora da sala de leitura, é um exemplo. No ano passado, ela montou junto com seus alunos a página virtual da escola, onde disponibiliza diferentes trabalhos que são realizados durante o ano letivo.

Em 2004, os frutos deste esforço estão acessíveis para quem quiser ver. Entre os projetos de destaque, estão um livro eletrônico com poesias escritas pelos estudantes da 8ª série e um blog com características pessoais dos alunos. O objetivo principal é relacionar os diferentes trabalhos com a chave do Século XX1, “Identidade”. “Os alunos escolheram os temas abordados, mas todos deviam estar relacionados de alguma maneira com a questão da identidade dos adolescentes”, afirma Terezinha.

Para concorrer à Mostra - 2004, no entanto, Terezinha escolheu a chave “Água” para trabalhar com seus alunos. A professora ainda não decidiu como vai desenvolver suas idéias. Mas, segundo ela, isto não é problema,

Mostra será realizada em dezembro

A Mostra Trocando Idéias com o Século XX1 acontece anualmente e tem o objetivo de estimular e divulgar os produtos de mídia criados com a participação ativa dos alunos do município.

Durante o mês de novembro, os projetos inscritos na edição 2004 serão avaliados e os quinze melhores selecionados. Os critérios utilizados pela comissão de seleção serão os seguintes: potencial pedagógico do processo de trabalho e do produto final, criatividade, capacidade de mobilização social e adequação aos temas do Século XX1.

O projetos selecionados participarão da Mostra, que acontecerá nos dias 2 e 3 de dezembro, no Colégio São Bento. Cinco deles serão expostos em uma mesa-redonda e os outros dez terão salas reservadas para exporem sua experiência. Mais informações com Luiz Fernando Azevedo, pelos telefones 2528-8243/2528-8220.

porque os alunos são sempre receptivos a todas as atividades que utilizam o computador. Boas idéias e criatividade não faltam à essa turma, principalmente quando se trata de atividades que usem o computador.

Angela e Terezinha são apenas duas de tantas outras professoras da rede que recorrem ao Século XX1 para enriquecer, de forma criativa e interessante, as atividades desenvolvidas com os alunos. Acessando o site (www.multirio.rj.gov.br/seculo21) você encontrará muitas outras propostas inovadoras que, sem dúvida, servirão de inspiração para o seu trabalho. Confira. ■

Saiba mais

HTML - Sigla de *hypertext markup language*. Linguagem utilizada na produção de páginas web, que permite a criação de documentos que podem ser lidos em praticamente qualquer tipo de computador e transmitidos pela Internet até por correio eletrônico.

Webmasters - Profissionais responsáveis por administrar e desenvolver um site web.

Ídolos de hoje e sempre

Que motivos levam alguém a idolatrar um esportista? Habilidade técnica, sucesso profissional, beleza? Talvez. Porém, superação, perseverança e caráter são palavras cada vez mais usadas na hora de justificar a razão pela qual esse ou aquele atleta se torna referência. Como se vê, não só de gols, cestas ou belas jogadas se faz um verdadeiro ídolo. A atitude fora das quadras, campos e piscinas também conta. E muito. Não é por acaso que atletas que pararam de atuar há alguns anos ainda são lembrados, como os jogadores de futebol Roberto Dinamite e Zico. Outro fator que chama a atenção da população é a superação física, como a do jogador Ronaldo, o “Fenômeno”, e mais recentemente da ginasta Daiane dos Santos, operada semanas antes das Olimpíadas de Atenas. A seguir confira os depoimentos e saiba quem são as nossas referências esportivas.

“Gosto muito da Isabel, do vôlei. Além da carreira como jogadora e treinadora, parece ter um excelente caráter. Ela sabe ser política, mas ao mesmo tempo nunca ficou em cima do muro em suas opiniões. Além disso, é uma boa mãe e já teve quatro filhos, três deles atletas. Sua integridade e a habilidade técnica me fizeram elegê-la como meu ídolo esportivo”



Renato Alhadadas, 40 anos,
supervisor de produção



“Gosto da ginasta Daiane dos Santos. Ela é humilde e lutou demais para ser a atleta que é. Daiane briga muito para conquistar seus ideais. O esforço que fez nas Olimpíadas, enfrentando fortes dores no joelho, é a maior prova disso. Eu me espelho nela para seguir em frente”

Vanessa Freitas, 21 anos,
assistente administrativo

“Meu ídolo foi e continua sendo o Roberto Dinamite. Da minha geração, foi o melhor jogador de todos. Gostava da raça, liderança e vontade que ele tinha. Dinamite também sabia bater muito bem as faltas. Ele foi responsável por fazer um dos gols mais bonitos da história do Maracanã, em um jogo contra o Botafogo, em 1976. Ele deu um ‘lençol’ no zagueiro na pequena área e, antes da bola cair no chão, deu um voleio na direção do gol”

Roberto Brandão, produtor



“Pela garra que ele tem, o meu ídolo é o Ronaldo “Fenômeno”. Ronaldinho conquistou as coisas na sua vida muito novo. Passou por um problema que podia tirá-lo do esporte, mas enfrentou. Mesmo muita gente falando que ele não conseguiria, venceu. A sua superação foi incrível e a sigo como exemplo de vida”

Fernanda Alparone, 29 anos, assistente administrativo



“A ginasta romena Nadia Comaneci é um ídolo para mim. Gostava dela pela perseverança que mostrava quando competia. Sempre tive vontade de seguir a força de vontade dela. Tentei fazer natação algumas vezes e me espelhei em Nadia para seguir em frente. Mas não tive a mesma persistência que ela teve e desisti de continuar nadando”

Deise Mello, 42 anos, recepcionista



“O Zico é uma referência para mim pela sua brilhante história no esporte. Ele teve uma séria contusão na carreira, e ficou desacreditado por muitas pessoas. O Ronaldo “Fenômeno” é o que é hoje em dia porque teve o Zico como referência. Quando se contundiu, Ronaldinho seguiu o exemplo de superação dele para continuar acreditando em sua recuperação”

Alexandre Neto, 32 anos, produtor



“Meu ídolo é o Ronaldo Fenômeno. Para muitos ele estava acabado para o futebol quando teve a contusão no joelho. Ronaldo provou que estavam errados. Deu a volta por cima e superou seus limites. Eu sigo o exemplo que o jogador deixou: lutar sempre quando se quer alcançar seus objetivos. Não devemos desistir nunca”

Marcelo Felipe Silva, 23 anos, assistente administrativo



“O Roberto Carlos, jogador de futebol, não chega a ser um ídolo, mas é uma grande referência para mim. Ele veio de uma família humilde e despontou no esporte, assim como muitos outros. O que o diferencia para mim é seu lado pessoal. Foi louvável a atitude dele adotar uma criança com problemas de saúde e fadada à morte. Se cada um que tivesse uma boa condição financeira como ele ajudasse os outros seria muito bom”

Gabriella Santoro, 23 anos, repórter





Esporte na educação: ponto de interseção

Ao longo do tempo a prática esportiva adquiriu um *glamour* quase hollywoodiano e acumulou expectativas transformadoras. A famosa idéia do “importante é competir”, imortalizada pelo Barão de Coubertin - idealizador dos Jogos Olímpicos da Era Moderna, foi definitivamente deixada de lado e substituída pela busca de índices técnicos e pela formação de superatletas. Hoje, nações se valem de competições esportivas como forma de demonstração de força e domínio político. Passando ao largo desse quadro, o binômio esporte e educação tomou novos rumos. Em Cuba, por exemplo, ambos andam de mãos dadas, atrelados a uma ideologia de superação vigente na terra de Fidel Castro. Por aqui, o caminho conflitante entre a prática esportiva e o conteúdo pedagógico ainda não encontrou um ponto de interseção. Mas qual o real papel do esporte no ensino? Quando ele se conecta com a educação? Que métodos e conteúdos devem ser aplicados no ambiente escolar? É dever da escola formar atletas? São perguntas que atingem uma extensão ainda maior no calor da discussão de um projeto nacional de desenvolvimento do esporte de massa em nosso país.

Esporte é saúde. É cidadania. Esporte é inclusão social. São muitas as máximas que envolvem a prática esportiva. E todas corretíssimas, diga-se de passagem. Afinal, está mais do que provado – e propagado, em tempos de marketing esportivo agressivo – em que o esporte desempenha sim um papel fundamental na formação do indivíduo, desde o seu caráter até o comprometimento com a cidadania, sem deixar de lado os benefícios para a estrutura corporal e para a saúde. Mas devagar com o andar, é bom que se deixe tudo em seu devido lugar. O esporte, por si só, não é, como se diz em linguagem corrente, o salvador da pátria. Longe disso, principalmente sabendo das condições precárias de vida de grande parte da população brasileira e, também, da maior parte das instalações esportivas, particulares ou públicas, existentes em nosso país.

O que se deve levar em conta, em princípio, é que a proposta de uma prática esportiva satisfatória e saudável se inicia no ambiente escolar. Desde que se iniciam ações pedagógicas em classes de Educação Infantil, a criança deve ser familiarizada com o desenvolvimento de uma atividade que possibilite uma consciência corporal transformadora, que propicie conhecimento, que flexibilize, que liberte. Outro aspecto: é importante definir o esporte como um dos conteúdos da educação física. “A educação física proporciona desenvolver a capacidade no indivíduo de apresentar manifestações corporais nas diversas atividades físicas e esportivas”, define a professora do Laboratório de Estudos Pedagógicos em Educação Física e Esportes da Escola de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Dra. Heloísa A. G. Alonso.



DIVULGAÇÃO - SECRETARIA ESPECIAL DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

O grande desafio é saber como lidar com a prática esportiva dentro da escola. Isso porque as atividades de lazer esportivo, mais do que preencher o tempo ocioso, desempenham um papel importantíssimo: são fundamentais para o desenvolvimento da sociabilidade e das relações interpessoais. Sua função é dar capacidade a um indivíduo de ter uma prática corporal que vai se estender ao longo de sua vida e que poderá ser utilizada de diversas formas. “Seja como profissão, como fator de lazer ou na manutenção de saúde. É importante ressaltar a importância de desenvolver uma percepção do que é o seu corpo, de seus limites e possibilidades, do que está fazendo com seu corpo, seja no aspecto físico, espiritual ou emocional. E isso vai além de uma simples prática esportiva”, acredita Heloísa. A educação física, como princípio expoente do esporte, está sem finalidade dentro do contexto escolar. “Só tem algum significado atualmente por estar ainda muito enraizada na prática esportiva. Precisamos acabar com isso e tentar entender que a educação física, enquanto disciplina formadora, é muito mais ampla”, ressalta.

Metodologia - O foco ideal seria tratá-la em consonância com o processo de alfabetização. “Ao ensinar códigos lingüísticos, a lógica ou qualquer outro conceito, deveríamos também

estar alfabetizando o código corporal desse indivíduo. Após esta etapa, a criança vai fazer uso da sua linguagem corporal da forma que lhe convém”, enfatiza Heloísa, que também é doutora em Pedagogia do Esporte pela Universidade Estadual de Campinas (SP). “O problema é que hoje o aluno não tem garantia de um trabalho contínuo de educação física na escola, consistente se as aulas fossem estendidas ao menos três vezes na semana. E o mais grave: os locais para a sua prática são inadequados, sem o mínimo de condições, com pouco material disponível tanto na rede pública quanto na esfera particular. Isso sem falar que você



DIVULGAÇÃO - SECRETARIA ESPECIAL DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

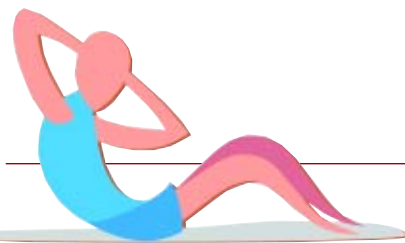
História da Educação Física no Brasil



1837 O Ginásio Nacional (atual Centro de Treinamento Esportivo) foi a primeira escola brasileira a incluir a ginástica no seu currículo regular.

1851 A prática de ginástica tornou-se obrigatória por lei nas escolas primárias do município da corte do Rio de Janeiro.

1882 Pareceres de Rui Barbosa mostram que a Educação Física já era foco de atenção dos intelectuais. Ele propôs diversas questões que pareceram utópicas: obrigatoriedade da EF no Jardim de Infância e nas escolas primárias e secundárias; prática de exercícios físicos pelo menos quatro vezes por semana durante 30 minutos; e valorização do professor de educação física.



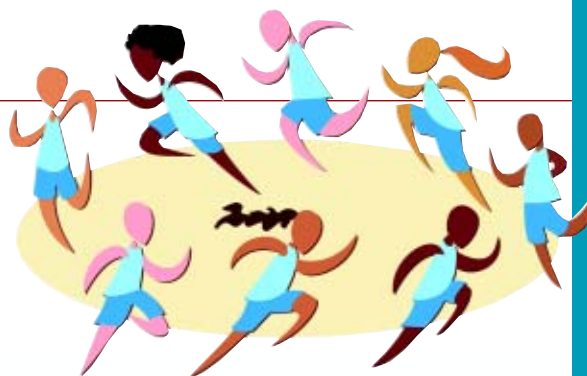
tem de 40 a 50 minutos para desenvolver uma aula. Fica inviável, não há condições de desenvolver uma metodologia ou estratégia de ensino”, lamenta.

Ainda tomando como base a linha fina que divide a discussão entre educação física e esporte, é importante reafirmar suas diferenças. “Deve-se estabelecer uma distinção entre a educação física presente na escola, um componente curricular legal dos sistemas de ensino previsto na Lei de Diretrizes e Bases, de 1996, artigo 26, e o esporte escolar como um complemento das atividades escolares, de fundamental importância, estratégico no desenvolvimento humano, na formação da cidadania”, aponta o professor Dr. Renato Sampaio Sadi, docente do Curso de Educação Física da Universidade Federal de Goiás (UFG).

Vale ressaltar o esforço da prefeitura carioca no sentido de potencializar as atividades esportivas por meio de espaços como as Vilas Olímpicas (ver boxe). “Esses centros são fantásticos. Hoje as classes menos favorecidas, moradoras de regiões de baixa renda aqui do Rio de Janeiro, têm mais oportunidades de terem seus talentos descobertos do que a classe média, que é obrigada a pagar para praticar um esporte. Comunidades como a da Maré e

da Vila do João encontram nessas vilas equipamentos e profissionais de ótima qualidade. O grande problema é o encaminhamento posterior dessas crianças para um treinamento de mais alto nível. Muitas delas, com grande potencial, acabam sem rumo ao se desligar do trabalho de base”, argumenta Heloísa Alonso.

Projeto - O ganho proporcionado pelas Vilas Olímpicas se estende em outros planos. A importância do cuidado com o corpo e o papel do esporte na saúde dos alunos foram as tônicas de um trabalho desenvolvido, em 2003, pela professora Márcia Cristina Neves Reis, com a turma de progressão do Ciep Zumbi dos Palmares, em Acari, na Zona Norte. De gravadores, câmeras fotográficas, lápis e papel em punho, um grupo de 22 alunos elaborou coletivamente um livro, cuja história se passa entre a Vila Olímpica Clara Nunes, vizinha à escola, e o Ciep. O objetivo era produzir um material de leitura e escrita que despertasse o interesse das crianças sobre o esporte e seus benefícios. A professora ressaltou a importância da proximidade entre a escola e a Vila Olímpica. “O pessoal da Vila deu total prioridade ao nosso projeto”, atesta. “A partir da criação desse livro, hoje, esses alunos sabem da importância do esporte para a saúde do seu corpo, estão mais seguros e atuantes e, principalmente,



1889/1930

EF Higienista - Prega a EF como atividade capaz de garantir a aquisição e manutenção da saúde individual. Tem como objetivo fundamental a saúde e com isso formar homens e mulheres fortes, saudáveis e dispostos à ação. Na verdade ela age como instrumento de assepsia social. Com isso, a ginástica, o desporto, os jogos recreativos, devem antes de tudo disciplinar hábitos no sentido de levar as pessoas a se afastarem de práticas capazes de provocar a deterioração da saúde, da moral, o que contribuiria para a saúde coletiva.

1930

A Educação Física, antes estranhamente vinculada ao Ministério da Instrução Pública, Correios e Telégrafos, passa a integrar o Ministério da Educação e Saúde.

Vilas Olímpicas

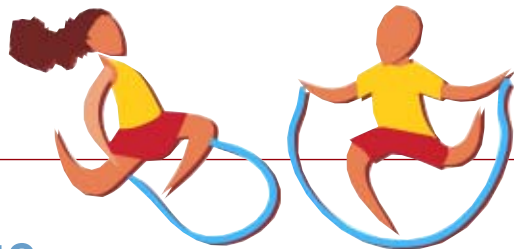
Acreditando no esporte e no lazer como inclusão social, a Prefeitura do Rio de Janeiro construiu oito complexos esportivos, as Vilas Olímpicas, espalhados por vários bairros da cidade, principalmente os mais carentes. Outros dois centros esportivos (Caju e Vila Isabel) estão com obras em andamento e mais um (Mato Alto) está com seu projeto em elaboração.

VILA OLÍMPICA	ÁREA	ATENDIMENTO POR SEMANA	MODALIDADE ESPORTIVA	ENDEREÇO
Vila Olímpica Caju (em obras)	18.600 m ²	18 mil		Rua Carlos Seidl, 1.388 - Caju
Vila Olímpica Carlos Castilho	7.700 m ²	5 mil	14	Rua Itararé s/nº - Ramos
Vila Olímpica Clara Nunes	7.000 m ²	5 mil	11	Rua Pedro Jório s/nº - Fazenda Botafogo - Acari
Centro Esportivo Miécimo da Silva	64.000 m ²	16 mil	21	Rua Olinda Ellis, 470 - Campo Grande
Vila Olímpica da Gamboa	25.000 m ²	12 mil	18	Rua da Gamboa s/nº - Gamboa
Vila Olímpica da Maré	80.000 m ²	8 mil	23	Rua Tancredo Neves s/nº - Maré
Vila Olímpica do Mato Alto (em projeto)	55.000 m ²	previsão de 35 mil		Rua Cândido Benício s/nº - Jacarepaguá
Vila Olímpica Mestre André	17.000 m ²	8 mil	14	Rua Marechal Falcão da Frota com rua General Gomes de Castro - Padre Miguel
Vila Olímpica Oscar Schmidt	17.000 m ²	15 mil	26	Rua do Matadouro s/nº - Santa Cruz
Vila Olímpica de Vila Isabel (em obras)	36.000 m ²			Parque do Trovedor - Vila Isabel
Vila Olímpica Ary de Carvalho (Vila Kennedy)	15.000 m ²	8 mil	18	Rua Paulina do Sacramento s/nº - Bangu

mais assíduos no universo escolar, apesar de o Ciep estar localizado em área de risco”, avalia Márcia.

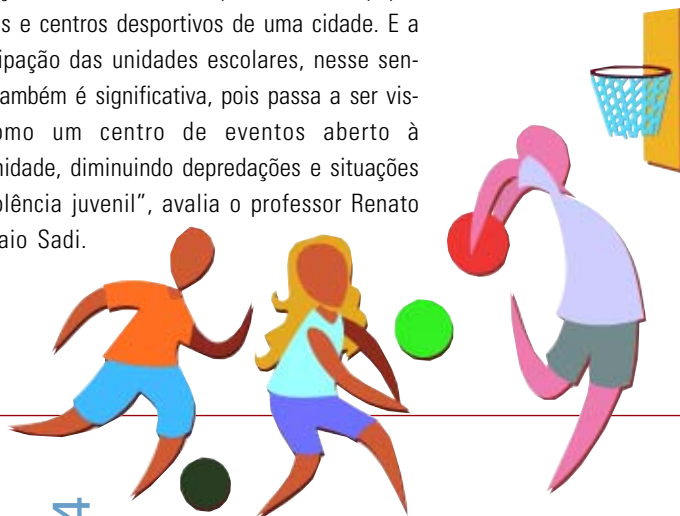
“Ao planejar uma política de esporte, a principal diretriz que um dirigente municipal deve ter em mente é que ela contemple o princípio da livre escolha e da participação espontânea, com incentivo à criatividade e busca de ocupação prazerosa do tempo disponível. Estas atividades devem ser tratadas sob ótica interdisciplinar, aten-

dendo todas as manifestações culturais do esporte: físico-esportivas, intelectuais, sociais e turísticas. Dessa forma, é importante propiciar a utilização mais democrática possível dos equipamentos e centros desportivos de uma cidade. E a participação das unidades escolares, nesse sentido, também é significativa, pois passa a ser vista como um centro de eventos aberto à comunidade, diminuindo depredações e situações de violência juvenil”, avalia o professor Renato Sampaio Sadi.



1930/1945

EF Militarista - Tinha como objetivo principal formar uma juventude capaz de suportar o combate, a luta e a guerra. Pretendia elevar a população à condição de servidora e defensora da pátria. Através do desporto, dos jogos e da ginástica visava a eliminação dos incapacitados, onde o cidadão soldado desenvolve força, coragem, heroísmo e obedece cegamente ao regime.



1945/1964

1945/1964 - EF Pedagógica - Assemelha-se à higienista nas idéias liberais, contudo é importante entender que não se trata do pensamento liberal do início do século, que sonhava com uma “desodorização” e “higienização” da sociedade, mas sim de uma concepção que busca integrar a EF como uma disciplina educativa por excelência no âmbito da rede pública escolar.



"A EDUCAÇÃO FÍSICA, ENQUANTO DISCIPLINA FORMADORA, É MUITO AMPLA E VAI ALÉM DA PRÁTICA ESPORTIVA", ACREDITA HELOÍSA G. A. ALONSO, PROFESSORA DO LABORATÓRIO DE ESTUDOS PEDAGÓGICOS EM EDUCAÇÃO FÍSICA E ESPORTES DA ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTOS DA UFRJ

A prática esportiva como instrumento educacional visa ao desenvolvimento integral das crianças, jovens e adolescentes, capacita o sujeito a lidar com suas necessidades, desejos e expectativas, bem como com as necessidades, expectativas e desejos dos outros. Além de ampliar o campo experimental do indivíduo, cria obrigações, estimula a personalidade intelectual e física e oferece chances reais de integração social. "A prática da educação física proporciona à criança o processo de saber ceder. Quer coisa melhor que uma atividade onde você tem de saber lidar coletivamente? Passar a bola, o bastão, saber trocar com o companheiro, numa cadeia de decisões, é colocar a cidadania em prática de fato. É o exercício da cidadania, a construção do coletivo entre crianças de oito, nove anos", enfatiza Heloísa.

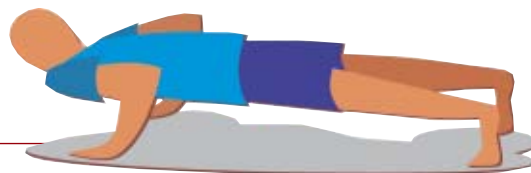
Para tornar essa educação possível é preciso ir além do ensino de regras e técnicas do esporte com a finalidade única da preparação para competições. Educar a sensibilidade, o gosto e o prazer pelo jogo, a criatividade crítica, o aprimoramento da inteligência tática, a organização coletiva, os sentidos das competições e a transformação das notícias esportivas tornando possível uma horizontalização responsável no ensino é um desafio para aqueles que vivem do esporte. Na mesma direção é importante considerar os aportes necessários para tal educação. Assim, é possível pensar em equipamentos e materiais de baixo custo e investimentos em formação humana, principalmente nos agentes de ponta, professores e estudantes de educação física, monitores e instrutores de esporte. Dessa forma sim é possível dizer que esporte é saúde, é cidadania, é inclusão social. ■



1960/1970

1960/1970 - EF Competitivista - Cria-se uma situação inédita quando o desporto de alto nível se sobrepõe a Educação Física, tentando colocá-la como um apêndice de um projeto que privilegia o treinamento de alto nível. Devido aos avanços tecnológicos nas áreas da fisiologia, biomecânica e treinamento, a EF passa a ser o instrumento para tornar o indivíduo um atleta em potencial.

Séc. XXI



Século XXI - EF atual ou popular - Hoje, o profissional de Educação Física deve estar consciente que a escola tem a função de contribuir na formação do cidadão, entendendo o aluno como fim e nunca como meio. O instrumento para contribuir no desenvolvimento do aluno em diversos aspectos, seja motor, social, cognitivo, pouco importa. Importa sim como utilizá-lo em prol de tal objetivo, lembrando sempre que o fim é o ser humano e o meio para atingir é a educação.

René Simões*

A paixão feminina pela bola – do preconceito ao reconhecimento mundial

A paixão dessas mulheres pelo futebol justificou, por muitos anos seguidos, a marginalização com que foram tratadas e, com isso, o desconhecimento geral da população em relação a elas e a sua maior paixão – a bola. Contraditoriamente, até 2004, havia sido essa paixão pela bola, em si, a principal responsável pela auto-estima baixíssima do grupo. O cérebro das pessoas, como um recipiente que armazena o que recebem de bom e ruim, foi guardando o que mais elas ouviam, coisas ruins delas mesmas e, com isso, passaram a acreditar que eram fracas.

Nosso trabalho começou quando decidimos colocar coisas boas dentro do recipiente e a evitar e a neutralizar as coisas ruins que elas sempre ouviram. Dessa maneira, ao invés de dizer que elas haviam feito algo errado, dizíamos que elas poderiam fazer aquilo melhor. Pedíamos que não se punissem tanto com os erros, mas que comesçassem a tirar coisas boas de tudo, mesmo sabendo que poderiam melhorar muito ainda. *SOU CAPAZ*, teria que ser a palavra de ordem. E passou a ser mesmo.

Acredito que todos nós temos um gerador de energia que precisa ser acionado, e acredito também que temos que ensinar aos outros como acioná-lo, por si só, evitando assim a dependência que tanto fez bem aos governos ditatoriais e, por que não dizer, ainda faz bem a algumas pessoas de diferentes segmentos da sociedade, como pais, professores, chefes, técnicos e etc. Essa minoria perde poder ao acreditar que só pode se manter pela força.

Desde o início, sabíamos que as mulheres e os homens possuem qualidades e defeitos, limites e possibilidades psicológicos diferentes e, assim, jamais poderíamos treinar mulheres como treinamos homens. Mas isto, somente,

no que se refere às estratégias, pois os princípios, de fato, são os mesmos. Outro detalhe em que não acreditamos consistia na falsa afirmação de que as mulheres representariam o chamado “sexo frágil”. Procuramos fazer avaliações individuais e trabalhamos respeitando, sempre, o limite de cada uma, independente da carga de treinamento que se dá aos homens.

Decidimos, também, não acreditar em determinados valores e comportamentos como sendo característicos de um ou de outro sexo, mas de todos os seres humanos, como a agressividade positiva, a combatividade, a determinação.

A maior força física dos homens eventualmente pode dar a impressão que possuem certas qualidades mais acentuadas, o que não é verdade. Acho que essas prerrogativas necessárias “ditas como masculinas” se referem muito mais às particularidades de cada pessoa que pelo seu sexo, pelo seu gênero.

O grupo de mulheres que tive o prazer de coordenar tinha todas essas baixas qualidades devido a sua baixa auto-estima. A transformação por que passaram só foi possível acontecer porque aceitaram a proposta e decidiram se modificar. A decisão pela mudança envolve a motivação e fortalece a auto-estima. Na verdade, a auto-estima e a motivação são essenciais. E, sem conseguir acionar o gerador de energia de cada uma, essas qualidades se mostram muito baixas, podem mesmo permanecer adormecidas, engessadas, esquecidas.

Os times de futebol de mulheres não poderiam ocupar seu merecido lugar nem sequer receber qualquer tipo de patrocínio sem, antes, terem conseguido ultrapassar certos preconceitos enraizados. Elas precisaram provar seu valor

para convidar a todos para que a sociedade desportiva refletisse sobre a discriminação a que sempre foram submetidas.

Para mim, como técnico da seleção feminina de futebol, o resultado alcançado não foi surpresa. Eu sabia, mesmo antes de iniciado o torneio, que as meninas não decepcionariam o Brasil nas Olimpíadas de Atenas. A minha confiança no time e na comissão técnica se justificaram pelo projeto de trabalho criterioso que desenvolvemos junto com elas. Investimos na valorização das potencialidades individuais e nas coletivas, no desenvolvimento das qualidades físicas e psicológicas específicas à prática do futebol e na capacidade de superação de limites de cada uma.

Um técnico tem que ser um educador em todos os sentidos. Nós temos experiências e conhecimentos que são necessários ao atleta, isso faz com que eles nos escutem e até sigam nosso exemplo. Técnicos e professores têm que ter essa consciência. O técnico e os professores devem ajudar às pessoas a acreditarem que são capazes. Eu ajudo os atletas a descobrirem potenciais que eles não sabiam que possuíam e que, ao realizá-los, sentem-se mais felizes.

Também procuro ensinar aos atletas que é possível se construir o “NÓS” sem destruir o “EU”, que todos nós, juntos, somos mais fortes e inteligentes do que sozinhos. Isso também é tarefa dos professores, não é? Dom Hélder Câmara disse, certa vez, que “quem diverge de mim não é meu inimigo, mas me completa”. Eu concordo com ele e penso que num time é necessário que se estabeleça um certo tipo de casamento onde a soma das individualidades deva interagir em benefício de objetivos comuns.

O presidente Lula, na recepção que nos ofereceu depois das olimpíadas, reconheceu o papel da formação esportiva das crianças como uma obrigação da escola. Eu vejo o esporte em três segmentos. Educacional, social e profissional. No educacional isto é papel da escola; nele

são oferecidas as bases para a criança se desenvolver, independente do esporte que mais tarde ela possa vir a escolher. Correr, saltar, trepar, rolar são os primeiros passos da criança. Dividir espaços, coisas, aprender a perder e ganhar, coordenação motora geral são os passos seguintes que a escola precisa ensinar.

Na parte de socialização e entretenimento, as comunidades devem ser responsáveis, possibilitando também a descoberta de novos líderes. No topo dessa formação estão os clubes e as federações que trabalham com a exceção, com aquelas crianças que possuem talentos diferenciados.

Acredito que somente uma política desportiva de grande alcance possa resolver esses problemas, fazendo com que nossas crianças saiam da rua, da frente da televisão, dos *videogames* etc., oferecendo a possibilidade de formarmos jovens mais saudáveis e atletas de melhores índices olímpicos.

Durante o período em que vivemos na vila olímpica, por quase 20 dias, compartilhamos de um mundo próximo do ideal. Culturas, raças, poder econômico, crenças religiosas e ideologias foram respeitadas e todos viveram sob as mesmas regras, onde o direito de um terminava onde começava o direito do outro. Só o esporte tem conseguido esta UTOPIA. Lamento dizer que seja, ainda, uma utopia, mas acredito que possa vir a se transformar em realidade. Basta ter vontade política e principalmente comprometer cada cidadão comum com a necessidade de começar, por si, as mudanças. A utopia deve começar por cada um de nós. Queremos que o vizinho não faça barulho? Queremos que a cidade fique limpa? O que cada um de nós faz, todos os dias, para que isso aconteça? Para terminar, eu quero desejar muita sorte aos professores cariocas que têm o ofício de formar e de transformar as crianças no futuro de nosso país.

René Simões é técnico da seleção brasileira feminina de Futebol.

Para sua atualização

Nova série da MULTIRIO apresenta diferentes elementos que integram o ecossistema da cidade do Rio de Janeiro



TV

Aventuras Cariocas

Ficha técnica

Área do conhecimento:

Ciências

País: Brasil

Produção: MULTIRIO

Tipo: Documentário

Na TV

Band: Domingo, às 9h30

Net: Quinta-feira, às 9h55

Estreou em setembro a nova produção da MULTIRIO, a série Aventuras Cariocas. São sete episódios que mostram aspectos do ecossistema da cidade do Rio de Janeiro, mostrando restingas, florestas, praias, lagoas, encostas, ilhas e manguezais, a partir da curiosidade de um grupo de adolescentes, guiados por um biólogo. Com uma linguagem de fácil entendimento, a cada semana um pouco mais sobre a biodiversidade da cidade é apresentada e debatida.

Uns dos objetivos da série é apresentar os diferentes elementos que integram o ecossistema e a relação e ação do homem com a natureza, reconhecendo o valor de iniciativas individuais ou coletivas na solução de problemas ambientais, com exemplos para a construção de uma sociedade sustentável.

A partir de cada programa, professores de diferentes áreas do conhecimento podem trabalhar com vários aspectos apontados na série. Desde a questão ambiental, geográfica até assuntos relacionados à ocupação urbana dos espaços da cidade ou a linguagem de cada episódio. Portanto, conforme o objetivo de cada professor, os programas podem ser trabalhados com alunos da Educação Infantil à oitava série do Ensino Fundamental.

Cada programa ao apresentar um ecossistema traz junto aspectos a serem observados e debatidos com a turma. Qual a vestimenta apropriada para cada passeio? O que levar? Como se comportar? Há necessidade de cuidados especiais? Estas observações podem servir de roteiros para a preparação de passeios escolares. Cada aula-passeio deve ser executada seguindo as etapas de motivação, planejamento, ação e comunicação.

O que acontece antes da saída é muito importante para o sucesso da atividade. O **planejamento** deve ser coletivo e proporcionar oportunidades de livre expressão dos alunos. Durante a preparação, depois da **motivação**, que pode ocorrer a partir do visionamento dos programas, os alunos levantarão hipóteses e dados sobre a aula-passeio que farão. A **ação** acontece durante o passeio, quando os alunos cumprem



o planejamento feito, que deve contemplar sempre momentos de lazer. Terminado o passeio, os alunos devem fazer as pesquisas complementares, se necessário, e transmitir suas conclusões para toda a turma ou para a escola. Sempre é mais interessante quando cada grupo de alunos escolhe apresentar sua **comunicação** com uma linguagem diferente dos outros.

Em todos os passeios a máquina fotográfica pode estar presente. Isso chama a atenção para o valor da linguagem fotográfica. Há três séculos, a fotografia tem produzido notáveis ramificações, como o cinema, a televisão, a fotografia infravermelha e a ultravioleta, a ultra-sonografia etc. Atualmente fornece subsídios básicos para o desenvolvimento da computação gráfica e a criação de imagens virtuais, tanto estáticas como dinâmicas.

A fotografia pode ser utilizada para registrar informações e os trabalhos científicos realizados, como também na busca de novas formas de expressões artísticas. Além de estar muito presente no nosso dia-a-dia, diversos meios de comunicação e informação jornalística, publicitária ou cultural exibem ou exploram imagens registradas por máquinas manuais, eletrônicas ou digitais. As imagens, inquestionavelmente, fazem parte do universo visual e ambiental das pessoas. Isso acontece em toda e qualquer parte do mundo, de uma forma ou de outra, em maior ou menor escala.

Por meio do registro fotográfico, podemos recuperar imagens de acontecimentos, costumes, urbanização e fatos de épocas passadas e, atualmente, com os avanços dos recursos tecnológicos, podemos vislumbrar o futuro, com o uso da computação gráfica.

Uma boa idéia é discutir a preservação ambiental utilizando fotografias de diferentes épocas, como estratégia à tomada de consciência ecológica entre os alunos. A fotografia permite o reconhecimento e a crítica do indivíduo em relação ao seu território, cujos resultados podem servir de fonte de identificação, análise e interpretação dos elementos que constituem os universos circundantes no qual o aluno está inserido.

Locais onde foram gravados os sete episódios da série:

Praia – Grumari
Floresta – Parque Nacional da Floresta da Tijuca
Lagoa – Lagoa da Tijuca, Lagoa Camorim, Marapendi, Lagoinha
Ilhas – Paquetá, Ilhas Cagaras
Manguezal - Guaratiba
 Baía de Guanabara
 Restinga de marambaia

Interação e inclusão social

Equipe trabalha em sintonia para que as **escolas** da rede sob sua abrangência se tornem cada vez mais **conectadas com a realidade**

A ação de trabalho da 3ª Coordenadoria Regional de Educação abrange os bairros e as comunidades de Higienópolis, Engenho Novo, Rocha, Riachuelo, Del Castilho, Méier, Maria da Graça, Inhaúma, Engenho da Rainha, Tomás Coelho, Bonsucesso, Piedade, Sampaio, Jacaré, Cachambi, Todos os Santos, Pilaes, Lins, Engenho de Dentro, Água Santa, Encantado, Abolição, Jacarezinho e Alemão. São 101 escolas, 15 creches municipais e três unidades de extensão, que englobam cerca de 62 mil alunos.

“Nosso trabalho é de fundamental importância no desenvolvimento da política educacional vigente, orientando, acompanhando, mobilizando, discutindo, estabelecendo ações estratégicas que possibilitem o bom desempenho das escolas sob nossa coordenação”, argumenta Kátia Maria Max, coordenadora da 3ª CRE. Ela destaca o trabalho em equipe: “Criamos um espaço onde se promove a interação dos representantes, com o objetivo maior de incluir socialmente os nossos alunos”.

A sintonia de trabalho é compartilhada pelo assistente de informática Eduardo Assimos: “É positiva nossa preocupação em incentivar e propiciar a participação de todos no planejamento das metas e nas decisões a serem tomadas e

encaminhadas. Acreditamos que as dificuldades do dia-a-dia são superadas quando há o reconhecimento da importância de todos no alcance dos resultados”.

Mudanças - Para Kátia Maria, o papel das CREs é colaborar para que as escolas públicas cariocas continuem se transformando em espaços conectados com a realidade da vida, garantindo o acesso, a permanência e o êxito dos alunos. “Para isso, é fundamental gerenciar os impactos sociais e administrar estrategicamente a mudança de mentalidade de todos os envolvidos no âmbito escolar”.

A coordenadora revela que seu foco de trabalho está em ações que estejam em consonância com a política educacional vigente: “ser coerente, aberto ao diálogo; ser efetivo; otimizar os processos pedagógico, administrativo e financeiro; ter ética e visão sistêmica; ser dinâmica, atenta à integração do trabalho; fortalecer a comunicação, estimulando as iniciativas dos servidores; promover a substituição do trabalho solitário pelo trabalho solidário e a centralização pela participação e assumir a responsabilidade social como fundamento básico”.

Até o final deste ano, a 3ª Coordenadoria Regional de Educação espera ser contemplada com a reestruturação das CREs, com o término das obras previstas para as unidades escolares de 2004, o concurso para Agente Educador, que as ações e investimentos do Nível Central, Coordenadoria e das Escolas possam refletir em melhoria constante no desempenho dos alunos. “E, claro, tudo funcionando em perfeita sintonia”. ■

Serviço

3ª Coordenadoria Regional de Educação

Coordenadora: professora
Kátia Maria Max
Rua 24 de Maio, 931 –
Engenho Novo
Tels.: 2582-1500/
2582-1501/2582-1504
E-mail:
cre03@pcrj.rj.gov.br



Diversidade na 4ª CRE

Coordenadoria atende a cerca de 105 mil crianças da Zona Norte da cidade, numa diversidade social que engloba **áreas carentes e regiões nobres**

A 4ª Coordenadoria Regional de Educação atende aos bairros de Manguinhos, Bonsucesso, Ramos, Olaria, Penha, Brás de Pina, Vila da Penha, Cordovil, Parada de Lucas, Vigário Geral, Jardim América e Ilha do Governador, localizados na Zona Norte da cidade do Rio de Janeiro. São 167 unidades escolares que atendem a cerca de 105 mil alunos. “Nossa principal dificuldade no momento é a questão da violência no entorno das escolas, como reflexo do que acontece hoje em todo o Estado”, afirma a coordenadora Márcia Simões Mattos.

Para ela, a importância do trabalho desenvolvido pela 4ª CRE vai ao encontro da implementação das políticas educacionais da Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, ampliando e aprofundando as oportunidades para o atendimento às crianças da Educação Infantil e do Ensino Fundamental nas unidades escolares atendidas pela coordenadoria. “Aqui, buscamos desenvolver a responsabilidade, a flexibilidade, a transparência, o espírito de equipe, a capacidade de gerenciamento de pessoas e o de administração de recursos financeiros”, conta.

Obras - O ano de 2004 está sendo marcante para a 4ª CRE. Dos três prédios escolares novos que estavam em construção, dois já estão prontos e iniciaram suas atividades em fevereiro deste ano. “Também tivemos o início das atividades da Creche Municipal Morro da Paz, na Penha, que começou a funcionar em março. É nossa 30ª creche, atendendo aproximadamente 120 crianças de 0 a 3 anos e 11 meses de idade”, completa Márcia.



Em relação aos investimentos gerenciais, o Projeto Valorizando o Educador, direcionado ao aperfeiçoamento profissional, está contando neste ano com alguns conferencistas de renome, como Hilda Alevato, Galdêncio Frigotto e Danilo Gandim. Além disso, a coordenadora destaca vários projetos e parcerias em andamento, todos voltados para as políticas públicas. “Nosso maior objetivo é realizar um trabalho de qualidade”.

Aliás, a área de abrangência da 4ª CRE reflete toda a diversidade e pluralidade da cidade, como revela Maria Luiza Burlamaqui Soares, assistente do Gabinete e ouvidora da 4ª CRE. “Aqui temos áreas nobres, complexos comunitários e periféricos, o que enriquece o trabalho do educador na medida em que ele lida com as diferenças sociais. Acreditamos na possibilidade de transformação social pela Educação. Porém, paradoxalmente, percebemos que somente a Educação não dará conta de reverter problemas socioeconômicos de grande impacto como a violência, a fome e a falta de oportunidade de muitas famílias. Nosso maior desafio como educadores está em conseguir intermediar onde é possível intervir e onde não é”, avalia. ■

Serviço

4ª Coordenadoria Regional de Educação

Coordenadora:
Márcia Simões Mattos
Estrada dos Maracajás,
1.294 – Ilha do Governador
Tels.: 3393-0720/
3393-3476/3393-5167/
2462-3786
E-mail: cre04@pcrj.rj.gov.br

Quanta saudade!

Se fizermos um exercício e imaginarmos que palavra usaríamos para definir a personalidade da professora Sônia Fernandez, talvez a que melhor se encaixe seja acolhedora. Por sua postura de mãe, de mestra e, principalmente, de profissional que acolhia as diferenças pessoais, de atitude e de pensamento.

Todos que a conheceram e conviveram com ela são unânimes em dizer que ela tinha “paciência para o tempo do outro”. Não foi à toa que dedicou sua vida profissional à Educação Especial. Primeiro levada por questões intrigantes relativas à surdez – sua tese de mestrado sobre o tema é amplamente usada por profissionais da área, dentro e fora do País. Depois, no Instituto Helena Antipoff, onde sua atuação como diretora marcou, transformou e fez história.

Fez história por conseguir com habilidade e profundo conhecimento teórico imprimir uma nova forma de olhar a criança portadora de necessidades educativas especiais. Que a partir dela passou a ser encarada, tanto pela equipe do IHA como por inúmeros profissionais que conheceram seu trabalho, muito mais como “sujeito histórico e cultural” que como aluno deficiente.

A bem-sucedida reestruturação do IHA aliada a sua grande capacidade de dialogar com os professores rendeu-lhe o convite para ser a primeira especialista em Educação Especial a dirigir o Departamento Geral de Educação da SME, cargo no qual permaneceu até sua morte em junho deste ano.

Brasileira, tricolor, salgueirense e dona de casa que adorava bordar ponto de cruz e reunir os amigos em torno de travessas de Paella e Tortilla, ela tinha como ideal de vida, segundo a amiga Leila Blanco, atual diretora do IHA, ver o outro crescer e desenvolver o máximo de seu potencial. “Ela dava oportunidade para todos, incentivava seus alunos e professores a estudar e, sempre acolhedora, dedicava seu tempo a cada um”. ■

“Sônia foi minha aluna e orientanda na PUC, no programa de mestrado. Era das mais instigantes, trazendo sempre questionamentos. Nossa relação começou no âmbito profissional, mas foi se aprofundando ao longo do tempo. Era uma amiga querida, engraçada no modo de ser, doce, que trazia sempre lembranças de viagens que tocavam o coração da gente. Digo que foi e ainda é minha mestra. Na direção do DGE ela entendeu perfeitamente a importância da dimensão mídia na vida das crianças e adolescentes. Sentia da parte dela um genuíno interesse de trabalhar integrada com a MULTIRIO. O que ela escreveu, produziu e, sobretudo, o espírito de diálogo e responsabilidade com a causa da educação devem prevalecer no DGE.”

Regina de Assis – Presidente da MULTIRIO



“Ela foi uma grande incentivadora na minha trajetória profissional e pessoal. Com ela cresci e aprendi muito sobre tudo. Sempre dialogava com todos, buscando auxiliar nas dúvidas e inquietações. Fui iniciada nos estudos sobre Vygotsky e Bakhtin com ela na Uerj, como sua aluna, e continuei esses estudos no IHA como sua secretária. Era como uma mãe para mim.”

Lurdes Gigante – Instituto Helena Antipoff

“Ela me foi apresentada como uma pessoa que trabalhava com surdos, mas aos poucos fui tomando conhecimento da dimensão do seu trabalho. Tinha uma garra incrível, era comprometida e aguerrida. Ela se colocava numa posição de aprender e compartilhar o trabalho.”

Ana Luiza Smolka – Faculdade de Educação da Unicamp

Educação física e mídia

Na era da informação, os profissionais de educação física não podem ignorar a influência que os **padrões corporais e os mitos esportivos** exercem em crianças e jovens

Estamos no século XXI, século de transformações e grandes avanços. A cada dia surgem novas tecnologias que invadem nossas casas e nossas vidas de maneira incontrolável e inevitável.

Nosso aluno também já não é mais o mesmo. De acordo com BABIN, P. estamos vivendo na era da cultura "NET", onde o pensamento foge a uma idéia de ordem indutiva e dedutiva e a aprendizagem se faz pela imagem. Crianças cada vez menores dominam seus computadores, *video-games*, sabem mexer com o controle remoto da TV melhor que os adultos e fazem mil coisas ao mesmo tempo.

A educação, como afirma a LDB em seu artigo 1º, não é privilégio do espaço escolar, ocorre também na família, nos espaços políticos, nas igrejas, nos meios de comunicação social... Por isso, integrar estes espaços é buscar para seus alunos uma aprendizagem efetiva e uma formação global onde ele possa criar, conhecer e discutir a respeito das informações que recebe.

Muitas escolas já vêm considerando estas questões e levando os meios de comunicação para seus processos pedagógicos; conhecendo, analisando criticamente e até produzindo diversos recursos de mídia, numa relação dialógica. Neste cenário, a educação física não pode ignorar as influências e expectativas criadas pela mídia e deixá-la de fora de suas aulas. Padrões corporais, que geralmente apontam para corpos brancos e magros, dos galãs das novelas e comerciais de TV, bem como mitos esportivos, criados pelo destaque hegemônico que o esporte tem na mídia, estabelecem valores que muitas vezes são incorporados pelos nossos alunos como se fossem uma verdade absoluta.

Esses mitos, os corpos atléticos, os tênis e materiais esportivos desta ou daquela marca permeiam os sonhos das crianças e dos jovens e os colocam segundo um padrão único, sem espaço para viver suas próprias identidades.

A transmissão de jogos e campeonatos vem dando, cada dia mais, um caráter de consumo ao esporte; consumo, este, geralmente inacessível aos nossos alunos. Além disso, o esporte vem sendo tratado muitas vezes como salvador da pátria para os problemas da sociedade e meio de as-



“A transmissão de jogos e campeonatos vem dando, cada dia mais, um caráter de consumo ao esporte; consumo, este, geralmente inacessível aos nossos alunos”

censão social do indivíduo. Este fato é claramente notado na divulgação dos salários milionários e no estilo de vida confortável de alguns atletas, motivando nossos alunos a buscarem sempre se enquadrar nos padrões preestabelecidos e esquecer da riqueza existente nas diferenças.

A mídia, enquanto cultura de massa, se opõe à diversidade individual e cultural, nos levando, muitas vezes, a supervalorizar o outro, e nos impedindo de olhar para nossas potencialidades.

Na reflexão sobre os meios de comunicação nas aulas de educação física, cria-se a possibilidade de análise crítica dos conceitos sociais embutidos nestas informações. O caráter de exclusão e preconceito transmitido pelos padrões corporais determinados, a discussão sobre a ética nos esportes profissionais, bem como o uso de anabolizantes e a discriminação racial e de gênero que existe nele, são apenas alguns dos conceitos, que, quando abordados, contribuem para a formação de um indivíduo mais crítico e autônomo. Levar esta mídia para nossas aulas e discutir acerca destes valores, difundidos em nossas vidas, é fundamental num processo de contextualização das atividades e de construção de um espaço onde os alunos possam expressar suas possibilidades e limitações e vivenciar as diferenças como algo positivo e essencial para a vida em sociedade.

Ao mesmo tempo em que fazemos esta análise crítica da mídia, também podemos nos utilizar da riqueza de informações que ela nos traz para dinamizar os conteúdos a serem trabalhados, entrando num espaço de grande interesse para os alunos.

Apresentar vídeos de danças de outros povos, levá-los a pesquisar na internet como são as brincadeiras das crianças de outros países ou quais as regras de um determinado esporte para depois reconstruí-las em nossa aula, comparando as realidades envolvidas, ou, ainda, trazer notícias ligadas à boa alimentação, benefícios do esporte para a saúde ou os perigos da obesidade, são apenas alguns exemplos de utilização dos meios de comunicação no contexto da educação física.

Sendo assim, esta relação de mão dupla com a mídia traz significado às nossas aulas, tornando-as um espaço de aprendizagem significativa, transformadora e mais próxima do nosso educando, contribuindo para que ele seja capaz de fazer suas próprias escolhas, construindo assim suas próprias opiniões sobre o mundo que o cerca. ■

Giane Moreira dos Santos Pereira

Se você quiser colaborar com esta seção envie-nos seu artigo por e-mail (dpub_multirio@pcrj.rj.gov.br) ou em disquete (Largo dos Leões, 15 - 9º andar - Humaitá - Rio de Janeiro - RJ - CEP 22260-210). O texto deve ser digitado em fonte Arial 12 e ter, no máximo, 6 mil caracteres. Todos os artigos serão submetidos à avaliação prévia e publicados de acordo com a programação da revista. A MULTIRIO não se responsabiliza pelos conceitos emitidos nos artigos e se reserva o direito de, sem alterar o conteúdo, resumir e adaptar os textos.

anote na agenda

FESTIVAL INTERNACIONAL DE CURTAS DO RIO DE JANEIRO - CURTA CINEMA 2004

Pela primeira vez, o Festival Internacional de Curtas do Rio de Janeiro - Curta Cinema 2004 apresentará competições na categoria nacional e internacional, com filmes produzidos em 40 países. Curta Cinema 2004 é hoje a principal mostra competitiva do formato e além de filmes oferece aos espectadores programas especiais, workshops e debates. A maioria das atividades do Festival acontece no Centro Cultural Banco do Brasil, mas alguns filmes serão exibidos no Cine Odeon BR, Espaço Sesc, Espaço Unibanco de Cinema 3 e Lonas Culturais. Mais informações e inscrições para os workshops até o dia 12 de novembro no site www.curtacinema.com.br.

Centro Cultural Banco do Brasil
Rua Primeiro de Março, 66 - Centro
Tel.: 3808-2020

EXPOSIÇÕES SOBRE ARTE E PESQUISA

O Centro de Artes Calouste Gulbenkian, da Prefeitura do Rio, promove até o dia 25 de novembro exposições sobre Arte e Pesquisa, reunindo trabalhos de vários artistas, como Abigail de Castro, Isabela Frade, Cláudio Bispo, Elaine Ferro, entre outros. A abertura será dia 5, às 17h, com performance dos grupos Kinesis e Calouste Gulbenkian. As visitas podem ser feitas de segunda a sexta-feira, das 14h às 19h. O local tem estacionamento gratuito.

Centro de Artes Calouste Gulbenkian
Rua Benedito Hipólito, 125 - Praça Onze
Tel.: (21) 2221-7760

IIº SIMPÓSIO DE EDUCAÇÃO FÍSICA DA EEFD – UFRJ

Nos dias 10, 11 e 12 de novembro, a Escola de Educação Física da UFRJ promove encontro de profissionais da área. Com enfoque em Biociência, Pedagogia e Cultura em Educação Física, ocorrerão fóruns de discussão reunindo professores e profissionais. Serão realizados também alguns minicursos, dentre os quais estão "Brinquedos Cantados", ministrado pela Profa. Liliane C. de Souza, e Exercício – cardioproteção e anabolizantes. A inscrição no Simpósio fica em 20 reais para estudantes e 50 reais para profissionais. Mais informações no site www.eefd.ufrj.br/simposio2004.

Secretaria da Escola de Educação Física da UFRJ
Av. Pau Brasil, 540 - Ilha do Fundão
Tel.: (21) 2562-6803

CCBB EDUCATIVO

O programa educativo do Centro Cultural Banco do Brasil procura articular a variedade de sua programação a um trabalho de formação de platéias e de construção da cidadania. A aproximação entre crianças e adultos se dá por atividades dirigidas a toda a família e os professores são orientados a tirar o melhor proveito das visitas ao CCBB. Agendamento de visitas e mais informações das 12h às 18h pelos telefones (21) 3808-2070 e (21) 3808-2254.

Centro Cultural Banco do Brasil
Rua Primeiro de Março, 66 - Centro
Tel.: 3808-2020

MÚSICA EM CONVERSA

Palestras sobre música erudita ministrada por professores, compositores, músicos e ensaístas. No dia 12 de novembro Turíbio Santos, violonista clássico e membro da Academia Brasileira de Música, apresentará a palestra "O Violão e seu Reflexo nas Bachianas Brasileiras", na qual falará sobre a obra de Villa-Lobos. Dia 19 de novembro é a vez de Gershwin ser discutido. O pianista João Carlos Assis Brasil falará sobre o compositor. Ambas as palestras serão realizadas às 18h30 com entrada gratuita. Senhas para o público distribuídas 30 minutos antes.

Centro Cultural Banco do Brasil
Rua Primeiro de Março, 66 - Centro
Tel.: 3808-2020

HISTÓRIAS DA PRÉ-HISTÓRIA

O Centro Cultural Banco do Brasil realiza exposição que reúne cerca de 300 peças entre artefatos, objetos de arte e achados arqueológicos. Por meio de documentários, filmes, esqueletos de megafauna, evidências históricas e de paisagem que antecedem aos índios, conta-se a pré-história do Brasil. A exposição também traça um paralelo entre nossa ancestralidade e as similaridades com outras regiões do mundo, por acervos oriundos de museus e instituições nacionais e internacionais. A exposição começa dia 9 de novembro e termina dia 9 de janeiro.

Centro Cultural Banco do Brasil
Rua Primeiro de Março, 66 - Centro
Tel.: 3808-2020



O Guia dos Curiosos - Jogos Olímpicos

Marcelo Duarte
 Editora Panda Books (2004)

Recém-lançado, "O Guia dos Curiosos - Jogos Olímpicos" traz as curiosidades e fatos de todos os Jogos

Olimpícos desde 1896: a origem das Olimpíadas, as primeiras modalidades esportivas, os bastidores, os heróis olímpicos, os piores momentos e os mais engraçados também, além de tabelas com todos os resultados, as medalhas e os pódios.

História dos Esportes

Orlando Duarte
 Editora Senac - São Paulo (2004)

Como surgiram e evoluíram todas as modalidades de esporte é o que você encontrará neste livro. Saberá também da chegada dessas práticas ao Brasil, das regras básicas que apresentam, dos torneios principais e nomes de destaque, como o de Teógenes, que em Olímpia, em 589 a.C., bateu o recorde de 1.200 vitórias nas competições, e o do Rei Pelé, que na Cidade do México, em 1970, conquistou para o Brasil o tricampeonato mundial de futebol.



Três Formigas Amigas

Marcelo Xavier
 Editora Lê (2004)

O autor Marcelo Xavier narra a saga de três formigas amigas que um dia resolvem abandonar

a vida monótona do formigueiro para se aventurar em busca de novas emoções. Depois de uma longa viagem, divertida e perigosa, onde quase são engolidas pelo mar, as três amigas chegam numa praia diferente de tudo que poderiam imaginar. E aí começam uma nova vida.



Marieta – Julieta Raimunda da Selva Amazônica da Silva e Souza

Mariana Massarani
 Editora Manati (2002)

Onde acaba o nosso mundo? Onde começa o mundo dos outros?

Onde termina a realidade? Onde começa a imaginação? Você já teve vontade de entrar escondido na cabeça de alguém? Em sua estréia como escritora, a autora registrou com muito humor tudo o que se passa no mundo de uma pessoa importantíssima: a Marieta. Tudo aquilo que só ela, a magnífica, sabia, está aqui, guardado nesse livro, esperando por um outro leitor de imagens, letras e pensamentos...



O Boto

Um Curta de Animação da Série
JURO que Vi



O Boto, novo episódio da Série
Juro que Vi... Lendas Brasileiras



Só vê quem acredita.

NÓS DA ESCOLA

No próximo número:
Mídia e lendas brasileiras